



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES

CURSO DE PSICOLOGIA

ANÁLISE COMPORTAMENTAL DE RELATOS VERBAIS REPETITIVOS

Dany Ricardo Barros Valls

BRASÍLIA
JUNHO DE 2010

DANY RICARDO BARROS VALLS

**ANÁLISE COMPORTAMENTAL DE RELATOS
VERBAIS REPETITIVOS**

Monografia apresentada como
requisito para conclusão do curso de
Psicologia do UniCEUB – Centro
Universitário de Brasília. Professor
Orientador: Carlos Augusto de
Medeiros

Brasília, junho de 2010



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES
CURSO DE PSICOLOGIA

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

Prof. Dr. Carlos Augusto de Medeiros
Orientador

Prof. Msc. Ana Karina C. R. de-Farias
Examinador

Prof. Msc. Geison Isidro Marinho
Examinador

A Menção Final obtida foi:

Brasília, junho de 2010

Agradecimentos

Agradeço a Deus, que sempre me deu forças para seguir adiante.

Agradeço a minha esposa Adriana que, com muito amor e paciência, me apoiou e me ajudou por todos estes anos.

Agradeço também aos meus pais, Ismar e Iolanda, por sempre acreditarem em mim, sendo além de pais, verdadeiros exemplos de vida.

Agradeço ao meu orientador Carlos Augusto de Medeiros e ao professor Geison Isidro por todo conhecimento passado ao longo do semestre e por despertarem o meu interesse pela Análise do Comportamento.

Aos professores membros da banca agradeço antecipadamente pela disposição, atenção e tempo empreendidos na minha monografia.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer a todos os meus amigos do curso de Psicologia, foi muito bom conhecer todos vocês.

Sumário

Resumo.....	v
Introdução.....	01
Capítulo 1. Análise Funcional.....	03
Capítulo 2. Comportamento Verbal.....	07
2.1. Operantes Verbais.....	08
2.2. Audiência.....	10
Capítulo 3. Atentar.....	12
Capítulo 4. Relatos Repetitivos.....	17
4.1. Reforçadores Condicionados Generalizados.....	19
4.2. Reforçadores Negativos.....	20
4.3. Exemplos de Relatos repetitivos.....	21
4.3.1. Relato Verbal Queixoso.....	21
4.3.2. Respostas Verbais Hipocondríacas.....	22
4.3.3. Esquizofrênicos.....	24
4.3.4. Relatos de pais sobre filhos – Cuidadores.....	25
4.3.5. Concurseiro.....	26
4.4. Propostas de Intervenção.....	28
4.4.1. Comportamentos Clinicamente Relevantes.....	28
4.4.2. Reforço Diferencial.....	29
4.4.3. Questionamento Reflexivo.....	30
4.4.4. Dever de Casa - Tarefas para realização entre as sessões.....	32
4.5. Demonstrações Empíricas da Modelagem de Comportamentos Verbais....	33
Considerações Finais.....	42
Referências Bibliográficas.....	45

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise sobre relatos repetitivos apresentados por clientes em terapia, realizando em paralelo uma discussão a respeito de possíveis formas de intervenção. O estudo justifica-se em razão do alto número de clientes que apresentam relatos repetitivos durante as sessões, os quais não trazem dados novos relevantes para o processo terapêutico. Esses relatos verbais repetitivos evidenciam um repertório limitado que, em longo prazo, pode resultar em consequências aversivas. Por esse motivo, tais relatos devem ser tratados como comportamento-alvo em si. Nesse sentido, será realizada uma revisão bibliográfica sobre o comportamento verbal, com o objetivo de entender quais são os reforçadores que mantêm a alta frequência de emissão de relatos repetitivos. Em seguida, serão analisados exemplos de relatos repetitivos que podem ser considerados como comportamentos-alvo e estratégias de intervenção aplicáveis. Por fim, será realizada uma descrição de estudos relacionados à modelagem do comportamento verbal, uma vez que esses demonstram o impacto dos procedimentos de reforço diferencial e questionamento reflexivo na frequência de relatos verbais.

Palavras-Chave: Comportamento verbal, Relatos repetitivos, Reforçamento condicionado generalizado, Psicoterapia Analítico-Comportamental, reforçamento diferencial.

A relação terapêutica e as formas de intervenção são assuntos amplamente discutidos entre as mais diversas correntes teóricas da Psicologia. Vários aspectos relevantes fazem parte desse processo, tais como o vínculo terapêutico, as habilidades do terapeuta e o nível de engajamento do cliente. Para que o processo terapêutico seja bem sucedido, o cliente deve tornar-se capaz de manter os resultados obtidos em terapia fora do contexto clínico, desenvolvendo as habilidades de reflexão e compreensão sobre si e sobre o ambiente a sua volta.

Compreender o comportamento, numa perspectiva analítico-comportamental, envolve descobrir as circunstâncias em que este ocorre e quais são as consequências que o mantém. Esse conhecimento torna possível alterar a frequência de um comportamento de acordo com os objetivos do trabalho terapêutico, mediante a alteração de suas variáveis controladoras. Baseado nas queixas apresentadas e na observação de comportamentos de relevância clínica, o terapeuta realiza uma análise funcional para determinar quais comportamentos terão a frequência trabalhada (comportamentos-alvo).

Um dos comportamentos mais comuns apresentados em terapia é a repetição de relatos sobre determinadas situações ou pessoas. Nessas situações, o cliente repete um comportamento verbal já existente fora da terapia, buscando no terapeuta uma escuta que sustente as suas posições ou que seja, pelo menos, imparcial e livre de julgamentos. A alta frequência com que alguns clientes falam sobre os mesmos assuntos durante a terapia pode ser um indicativo de que o seu comportamento esteja sendo mantido por reforçadores caracterizados pela atenção dos ouvintes ou pela possibilidade de evitar determinados assuntos.

Outro aspecto que será discutido ao longo do trabalho está relacionado às estratégias

de intervenção. Muitas vezes, o cliente não percebe estes comportamentos nem suas consequências em seus relacionamentos interpessoais. Buscar formas para que o próprio cliente conclua a função de seus comportamentos e perceba as suas consequências é uma questão de grande importância para o processo terapêutico.

Nesse trabalho, será analisada, sob o ponto de vista da Análise do Comportamento, a forma como estes comportamentos ocorrem e quais são os reforçadores que os controlam. Conforme será visto ao longo do trabalho, os relatos repetitivos são comportamentos verbais e por isso sua frequência é controlada por reforços emitidos pela audiência. O objetivo deste trabalho é realizar uma discussão teórica sobre os comportamentos verbais caracterizados por relatos repetitivos controlados por reforçadores condicionados generalizados e por reforçadores negativos. Em paralelo será realizada uma discussão a respeito das formas de intervenção terapêutica aplicáveis em clientes com relatos repetitivos. Para isso, será demonstrado o papel dos procedimentos de reforçamento diferencial e do questionamento reflexivo no *setting* terapêutico.

O presente trabalho tem o seu desenvolvimento dividido em quatro partes que compreendem uma revisão sobre os conceitos de análise funcional, comportamento verbal, atentar e, por fim, relatos repetitivos. Para uma melhor compreensão de formas de relatos repetitivos que podem indicar um repertório comportamental ineficiente, serão analisadas as funções e as consequências de algumas formas comuns de relatos repetitivos. Neste trabalho serão demonstrados cinco casos de relatos repetitivos: comportamento verbal queixoso, relatos verbais de hipocondríacos, relatos verbais de esquizofrenia, relatos de pais sobre filhos e, por último, relatos verbais de “concurseiros”. Após a apresentação dessas formas de relatos, serão demonstrados estudos empíricos sobre modelagem do comportamento verbal. A apresentação dessas pesquisas ilustra o efeito dos procedimentos de reforço diferencial e questionamento reflexivo na frequência de relatos verbais.

1. Análise Funcional

Conforme apontado na introdução, o comportamento verbal é mantido pelos reforços emitidos pelo ouvinte. Muitas vezes, o repertório comportamental de clientes em terapia consiste em respostas ineficientes que, em longo prazo, levam ao contato com estímulos aversivos, punições ou perda de reforçadores. Na Terapia Analítica Comportamental, o terapeuta busca identificar qual a função dos comportamentos e quais as contingências que o mantêm, para isso utiliza um método de investigação conhecido como análise funcional. Nesse procedimento, o terapeuta busca identificar, por meio dos relatos dos clientes e pela observação dos seus comportamentos, quais comportamentos devem ter a sua frequência aumentada ou reduzida, ou seja, quais são os comportamentos-alvo. Esses comportamentos formam uma categoria que engloba os comportamentos que ocorrem dentro e fora do ambiente terapêutico. De acordo com Kohlenberg e Tsai (1991/2001), os comportamentos observados durante as sessões são denominados pela Psicoterapia Analítica Funcional (FAP) como comportamentos clinicamente relevantes (CRBs).

Clientes com alta frequência de emissão de relatos repetitivos tendem a manter essa topografia de resposta no ambiente terapêutico. Sendo assim, este trabalho se limitará a analisar apenas os comportamentos clínicos relevantes. A análise funcional permite ao terapeuta identificar as relações funcionais entre o comportamento e suas consequências (Moreira & Medeiros, 2007). Os autores ressaltam que a análise funcional tem como objetivo identificar a função do comportamento e não apenas a sua topografia. É importante lembrar que indivíduos podem emitir respostas semelhantes apresentando funções distintas assim como apresentarem uma topografia de respostas distintas, mas com funções semelhantes (Moreira & Medeiros, 2007). Um exemplo de respostas semelhantes que apresentam funções distintas pode ser observado quando um sujeito dá esmolas a um pedinte. Nesta situação, o

dar esmolas pode estar sob controle das consequências aversivas com as quais entrará em contato caso negue algo ao pedinte, tais como retaliações verbais ou físicas. A mesma resposta, no entanto, pode estar sob controle de estímulos antecedentes, em que dar esmolas é uma resposta que foi reforçada no passado. As diversas formas utilizadas pelo pedinte para obter esmolas são um exemplo de topografia de respostas distintas com funções semelhantes.

De acordo com Skinner (1953/1994, p. 45) “as variáveis externas das quais o comportamento é função, dão margem ao que pode ser chamado de análise causal ou funcional”. Em concordância com o autor, Moreira e Medeiros (2007) descrevem a análise funcional como: “a busca dos determinantes da ocorrência do comportamento” (p. 146).

Para Moreira e Medeiros (2007), a análise funcional tem como função possibilitar uma análise da relação entre o indivíduo e seu mundo, tornando possível a identificação de quais comportamentos têm relevância clínica e quais são as contingências que os mantêm. Dessa forma, pode-se dizer que a análise funcional é uma ferramenta de análise fundamental para a definição de estratégias de intervenção. De acordo com Sidman (1989/1995, citado por Moreira & Medeiros, 2007), a análise funcional, ou análise de contingências, é um processo ativo, no qual são identificadas respostas, seus estímulos antecedentes e conseqüentes. Para o autor, a análise funcional permite ao terapeuta avaliar a variação das respostas comportamentais do indivíduo diante da mudança das contingências, possibilitando a escolha da estratégia de intervenção necessária. Meyer (1997) define a análise funcional como um instrumento básico de trabalho dos analistas do comportamento que possibilita a identificação das contingências operantes sobre um comportamento.

Delitti (1997) descreve que é a partir da análise funcional que se dá o levantamento correto de dados necessários para o processo psicológico. A autora ressalta ainda que: “A identificação das variáveis e explicação das contingências que controlam o comportamento permitem que sejam levantadas hipóteses acerca da aquisição e manutenção dos repertórios

considerados problemáticos e, portanto, possibilita o planejamento de novos padrões comportamentais” (p. 36).

A estratégia de intervenção é definida após a realização da análise funcional. Em termos práticos, Skinner ressalta que: “descobrimo e analisando estas causas poderemo prever o comportamento; poderemo controlar o comportamento na medida em que o possamo manipular” (1953/1994, p. 34). Na elaboração da análise funcional, o terapeuta baseia-se na fala e comportamentos não verbais apresentados pelo cliente durante a sessão para identificar os comportamentos-alvo, ou seja, os comportamentos que deverão ter sua frequência aumentada ou diminuída. No caso de um cliente que passa a maior parte da sessão queixando-se sobre seu relacionamento familiar, o terapeuta precisa realizar uma análise funcional para identificar se a alta frequência de emissão de relatos aversivos é um comportamento-alvo. Para tanto, o terapeuta precisa investigar as ocasiões em que o cliente emite relatos queixosos e quais as consequências disso em curto e longo prazo e também ao longo da sua história de vida. As consequências identificadas podem ser classificadas como reforçadoras ou punidoras.

De acordo com Moreira e Medeiros (2007), quando a consequência do comportamento aumenta a sua frequência, deve-se verificar se um estímulo foi acrescentado ou retirado do ambiente, ou seja, se o procedimento foi um reforçamento positivo ou negativo. No exemplo do cliente queixoso, pode-se verificar, entre outras coisas, que a emissão de relatos aversivos produz estímulos reforçadores que aumentam a probabilidade de o comportamento se repetir. Caso o terapeuta verifique que houve uma redução na frequência do comportamento deve-se verificar se este parou de produzir consequências reforçadoras. Para os autores, quando o reforço é suspenso ocorre uma extinção operante. Nos casos em que há uma redução na frequência do comportamento sem a retirada do reforço, pode-se dizer que houve uma punição após a apresentação de um estímulo como consequência daquele comportamento. A

punição, assim como o reforço, pode ser positiva ou negativa. Conforme será demonstrado ao longo do trabalho, somente após a elaboração da análise funcional, o terapeuta poderá decidir quais serão os procedimentos de intervenção adequados ao caso. No caso deste trabalho, que tem como foco os relatos repetitivos, a análise funcional identifica quando esse comportamento tem relevância clínica e a estratégia de intervenção adequada.

2. Comportamento Verbal

De acordo com Skinner (1957/1978), o comportamento verbal é um comportamento operante controlado por reforços provindos de um ouvinte da mesma comunidade verbal. Esta comunidade é definida por Baum (1994/1999) como: “um grupo de pessoas que falam entre si e que reforçam as verbalizações umas das outras” (p. 137). Skinner (1957/1978) descreve que o homem sofre as consequências de suas ações sobre o mundo, o mesmo ocorre no comportamento verbal, onde o comportamento verbal do sujeito é controlado pelos efeitos que produz no comportamento do ouvinte. Estas características do comportamento verbal o diferenciam da idéia de linguagem ou comunicação presente no cotidiano. Skinner (1957/1978) ressalta que “A palavra linguagem está agora satisfatoriamente afastada de suas ligações originais com o comportamento vocal, mas, por outro lado, acabou por se referir mais às práticas de uma comunidade lingüística do que ao comportamento de um de seus membros” (p. 16). A linguagem tem um caráter de coisa, algo que a pessoa adquire e possui enquanto que o comportamento verbal é um comportamento reforçado por seu efeito sobre as pessoas, inicialmente o ouvinte, mas eventualmente o próprio falante (Skinner, 1974/2006).

Para Baum (1994/1999), é preciso ter cuidado ao definir a comunicação como uma categoria comportamental mais ampla que engloba o comportamento verbal. O autor ressalta que esta definição de comunicação acaba sugerindo uma teoria mentalista alheia ao ponto de vista Behaviorista Radical. O autor define a comunicação como um comportamento de um organismo que gera estímulos, tendo efeito sobre o comportamento de outro organismo, ou seja, até um padrão fixo de ação que gera estímulos auditivos e visuais que afetam o comportamento dos outros pode entrar na categoria de comunicação, mesmo não correspondendo a definição de Skinner de comportamento verbal (Baum, 1994/1999). Em contrapartida, o autor classifica o comportamento verbal como um comportamento operante

que depende de suas consequências, tendendo a ocorrer apenas no contexto em que tem a probabilidade de ser reforçado (Baum, 1994/1999).

Conforme dito acima, os reforçadores que mantêm o comportamento verbal são emitidos por outra pessoa, o ouvinte. De acordo com Baum (1994/1999), está é uma condição para que uma ação seja considerada verbal. Quando um sujeito pede para que outro feche a porta, por exemplo, a ação do ouvinte ao fechar a porta é uma resposta reforçadora do comportamento verbal do falante. Da mesma forma como em qualquer comportamento operante, o comportamento verbal mantém-se mediante a apresentação de estímulos reforçadores ainda que ocasionais. Caso o falante fosse ignorado sempre que pedisse para o outro fechar a porta, esse comportamento teria sua frequência reduzida. Para Baum (1994/1999), a maior parte do comportamento verbal depende de reforçadores sociais.

Segundo Skinner (1957/1978) o falante também é ouvinte, sofrendo as consequências de sua ação, sendo capaz de qualificar, ordenar e elaborar o comportamento no momento em que ele é produzido. A junção do comportamento do falante e do ouvinte compõe o que Skinner chama de episódio verbal total.

2.1. Operantes Verbais

O comportamento verbal pode ser classificado de acordo com a sua relação de contingência com o ambiente, ou seja, conjuntos de comportamentos que tenham o mesmo efeito sobre o ouvinte (Baum, 1994/1999). Para o autor, os operantes verbais normalmente ocorrem em um determinado contexto, estando sujeitos ao controle de estímulos. Quando um sujeito pede água para outra pessoa, ele pode simplesmente pedir ou insinuar que gostaria de água ou perguntar se há água para se beber. Em todos esses casos, o reforço que controla a emissão dessas respostas verbais é a obtenção da água. Skinner (1957/1978) chamou esses conjuntos de comportamentos ou unidades comportamentais de operantes verbais. Entre os

diversos tipos de operantes verbais descritos por Skinner¹, serão abordados neste trabalho o mando e o tato. De acordo com Baum (1994/1999), os mandos são ações verbais diretivas, que dependem mais do reforço específico do que do contexto. “Os mandos incluem não apenas pedidos, mas também ordens, perguntas e mesmo conselhos” (p. 155). Os tatos, por sua vez, são respostas verbais informativas, como opiniões ou observações, que dependem mais do contexto específico do que do reforço específico.

Quando o sujeito expressa diretamente um pedido como: “você pode me dar água?”, ele está emitindo um mando direto, uma vez que o seu comportamento já especifica o reforço final. Neste caso, o ouvinte pode ou não reforçar o comportamento. De acordo com Skinner (1957/1978), o mando geralmente está sob o controle de condições aversivas ou de privação. Os tatos, por sua vez, são compostos por diversas verbalizações cujos reforços não são especificados (Baum, 1994/1999). Sobre os reforçadores dos tatos, Baum afirma que: “os reforçadores dos tatos, embora não especificados, são em geral, convencionalmente sociais: respostas como gratidão e atenção” (p. 156). Quando um indivíduo, por exemplo, chega de viagem e relata a seus colegas tudo o que viu e o que fez, o seu relato é reforçado pela atenção de seus colegas. Nesse caso, a topografia do tato é controlada pelo estímulo antecedente (a viagem). Quanto maior for a frequência de reforços disponibilizada pelos ouvintes, maior será a frequência de relatos. O relato é reforçado de formas variáveis, tais como um balançar de cabeça, fazer “hum, hum”, fazer novas perguntas sobre o assunto, manter o contato visual, ou seja, o que cotidianamente chama-se de atenção. Skinner (1957/1978) classifica esses reforços emitidos pelo ouvinte como reforços condicionados generalizados, onde o comportamento verbal tem a sua frequência controlada por formas variadas de sinalização do ouvinte. O comportamento de emitir um tato sobre um determinado assunto terá a sua frequência controlada por estes reforços. O comportamento de relatar eventos relacionados a uma viagem

¹ Diversos tipos de operantes verbais são apresentados por Skinner (1957/1978): mando, tato, intraverbal, ecóico, ditado, textual, transcrição e autoclítico.

terá a sua frequência aumentada diante de pessoas que demonstrem interesse e façam perguntas (reforçadores condicionados generalizados). De forma inversa, Skinner (1957/1978), afirma que o comportamento verbal, quando seguido de consequências punitivas ou aversivas, tem a sua frequência reduzida. Se um sujeito, ao relatar algum evento, tiver como resposta de seus colegas repreensão ou ofensas, a frequência de o falante emitir tais relatos será reduzida, uma vez que o comportamento foi punido com estímulos aversivos. É importante lembrar que a frequência do comportamento também pode ser reduzida diante da extinção dos reforços, o que é observado quando um sujeito emite um comportamento verbal e seus amigos demonstram desinteresse ou desatenção aos fatos emitidos. Segundo Skinner (1957/1978) a falta de reforçadores e a presença de punição reduzem a frequência do comportamento.

É importante ressaltar as diferenças entre o mando e o tato. No primeiro caso, o comportamento verbal especifica o reforço final esperado, enquanto que, no segundo caso, o comportamento verbal está sob controle de reforços condicionados generalizados, tendo sua topografia determinada por estímulos antecedentes não verbais.

2.2. Audiência

Conforme visto anteriormente, a frequência do comportamento verbal é controlada pelos reforçadores emitidos pelo ouvinte. Os estímulos discriminativos apresentados que controlam a emissão do comportamento verbal são entendidos como audiência, uma vez que servem de sinalizadores da disponibilidade de reforço provida pelo ouvinte (Skinner, 1957/1978).

Para Medeiros (2002), é a audiência que irá controlar não apenas a frequência do comportamento verbal, mas também como esse irá ocorrer. Para o autor a audiência também controla o repertório comportamental a ser utilizado e o tema do episódio verbal total.

O repertório é composto pelas expressões verbais utilizadas pelo falante. Desta forma, o falante pode adaptar suas expressões verbais para que essas exerçam um controle mais preciso sobre o comportamento do ouvinte (Medeiros, 2002).

O tema, por sua vez, é controlado pela audiência, pois o ouvinte irá buscar assuntos com maior probabilidade de obtenção de reforço, ou que ao menos não produzam estimulação aversiva por parte do ouvinte (Medeiros, 2002).

O papel da audiência é de extrema importância para a Psicologia. Neste trabalho, será demonstrado como a ação do terapeuta, como audiência, pode interferir no comportamento do cliente, diminuindo a frequência de relatos repetitivos e, por sua vez, aumentando a frequência de relatos mais úteis ao processo terapêutico.

3. Atentar

A visão tradicional de Psicologia interpreta a atenção como um processo mental que filtra as informações do ambiente selecionando o que deve ser assimilado pela mente (Moreira & Medeiros, 2007). Uma crítica realizada por Skinner (1974/2006) à concepção mentalista de atenção é que dizer que o indivíduo responde a determinados estímulos ou dimensões deles por meio de um filtro não traz, na realidade, explicação alguma, a menos que se explique também o comportamento desse filtro. De acordo com Moreira e Medeiros (2007), não é a atenção, conforme descrito pela visão mentalista, que seleciona os estímulos aos quais se responde. Segundo os autores, a Análise do Comportamento descreve a atenção como uma palavra que descreve comportamentos que estão sob determinado controle discriminativo de estímulos do ambiente. Para Skinner, “o que está envolvido na atenção não é uma mudança de estímulos ou de receptores, mas as contingências subjacentes ao processo de discriminação” (Skinner, 1974/2006, p. 93).

Para melhor compreender a forma como o conceito de atenção é aplicado na análise comportamental, é importante ter clara a noção de controle de estímulos. De acordo com Moreira e Medeiros (2007), o controle de estímulos refere-se ao efeito dos estímulos antecedentes sobre o comportamento, ou seja, o efeito do contexto sobre o comportamento. Os estímulos antecedentes têm influência sob a probabilidade de ocorrência de um comportamento operante. Os autores complementam afirmando que “essa influência dos estímulos antecedentes dá-se pela relação que possuem com as consequências do responder” (Moreira & Medeiros, 2007, p. 97). A probabilidade de um comportamento ocorrer aumenta diante de estímulos associados ao reforço, e diminui diante de estímulos que sinalizem extinção ou punição (Moreira & Medeiros, 2007).

Quando um comportamento operante passa a ser reforçado apenas em determinados

contextos, esse torna-se um comportamento operante discriminado, ou seja, uma resposta produz consequências reforçadoras quando emitidas em um determinado contexto (Moreira & Medeiros, 2007). Os estímulos antecedentes ao comportamento que controlam a sua ocorrência são chamados de estímulos discriminativos (S^D). Esses estímulos estabelecem a ocasião em que o comportamento produzirá determinada consequência. Um exemplo de S^D ocorre quando uma máquina de café tem um sinal luminoso que acende quando o café está pronto. O sinal luminoso aceso é um estímulo discriminativo que sinaliza a disponibilidade do reforço para a resposta de pegar o café. Para Catania (1998/1999), “quando o responder é reforçado apenas na presença de alguns estímulos, dizemos que o reforço é correlacionado com aquele estímulo” (p. 145). Quando um estímulo antecedente sinaliza a indisponibilidade de reforço ou a sua extinção esse é chamado de estímulo delta (S^Δ). Voltando ao exemplo da máquina de café, o sinal luminoso apagado é um S^Δ para a resposta de pegar o café.

As classes de respostas que surgem a partir desse reforço diferencial em relação às propriedades do estímulo são chamadas de operantes discriminados (Catania, 1998/1999). De acordo com Moreira e Medeiros (2007), para que se compreenda corretamente um comportamento, deve-se identificar o seu contexto, a resposta do organismo e a consequência. Estas três variáveis compõem a unidade básica do comportamento operante, conhecida como contingência de três termos ou contingência tríplice.

O fato de um organismo ficar sob controle de algumas propriedades de estímulos complexos em detrimento de outras descreve o comportamento de atentar (Catania, 1998/1999). Para o autor, uma razão importante para ver a atenção como um comportamento é o fato de que atentar para algum estímulo pode ter consequências. Por esse motivo, é necessário investigar as contingências que permitem que isso ocorra. Quando o relato acerca de um tema específico é frequentemente reforçado, o falante pode começar a atentar aos estímulos antecedentes que controlam a topografia desses relatos em detrimento de outros

aspectos do ambiente (Medeiros, 2002). Para Skinner (1989/1991): “a fala é reforçada quando o ouvinte tende a dizer mais ou menos o que o falante diz, e a atenção é reforçada quando o falante diz mais ou menos o que o ouvinte tende a dizer” (p. 66). Um exemplo disso ocorre na conversa entre duas pessoas que gostam de um determinado estilo musical, uma vez que há concordância entre os indivíduos sobre o que é falado. Para Skinner (1989/1991): “na qualidade de falantes nós atentamos para os ouvintes, e como ouvintes atentamos para falantes que pensam como pensamos” (p. 66). Nos relatos verbais, quando uma resposta gera reforços aumenta a probabilidade de o falante atentar mais para essas respostas do que para outras. Um exemplo disso pode ser observado nos relatos de pais que são elogiados ao falarem de seus filhos. Nesse caso, que será mais bem discutido no capítulo sobre relatos repetitivos, os pais passam a atentar para eventos nos quais os relatos sobre seus filhos têm como resposta da audiência reforços condicionados generalizados. Em outros casos, o atentar a determinados estímulos pode ter como consequência a perda de reforçadores e o contato com estímulos aversivos em longo prazo. Isto ocorre uma vez que a exposição prolongada da audiência a relatos repetitivos pode causar uma redução na emissão de reforçadores condicionados generalizados ou até mesmo fazer com que os relatos sejam punidos. Um exemplo disto pode ser verificado em pessoas com alta frequência de comportamentos verbais queixosos. Após uma exposição prolongada a essas queixas, os ouvintes passam a demonstrar cada vez menos atenção e interesse pelos relatos, podendo até mesmo evitar novas conversas com o queixoso. Dessa forma, os ouvintes passam a extinguir os reforçadores que antes mantinham o comportamento verbal queixoso. Outra consequência possível neste caso é a punição dos relatos queixosos repetitivos. Pode-se verificar que esse comportamento está sendo punido quando a consequência desses relatos queixosos é a emissão de mandos diretos para que o sujeito pare de falar, tais como: “não agüento mais ouvir você reclamando, cale a boca!”

De acordo com Catania (1998/1999), nos casos em que um organismo já tenha atentado para algumas propriedades de estímulos em uma determinada situação, a tendência é que esse comportamento se repita diante dessas propriedades em novas situações. O atentar a determinados estímulos pode ser alterado diante de mudanças na forma como o reforço se relaciona com determinadas propriedades (Catania, 1998/1999). Quando um sujeito emite uma mesma resposta na presença de estímulos que se parecem com os S^{Ds} , utiliza-se o termo generalização de estímulo operante. Nestes casos, a probabilidade de generalização ocorrer aumenta de acordo com a similaridade do novo estímulo com o S^D (Moreira & Medeiros, 2007). Um exemplo de generalização de estímulo operante pode ser observado quando um indivíduo acostumado a fazer ligações telefônicas em um determinado aparelho celular precisa utilizar um aparelho celular desconhecido. Um indivíduo acostumado a utilizar um aparelho simples, com poucas funções, pode ter dificuldades iniciais ao utilizar um aparelho moderno com configurações mais complexas. Neste caso, mesmo que o aparelho tenha teclas e atalhos diferentes do anterior, a tendência é que o indivíduo repita os procedimentos que funcionavam no aparelho antigo para fazer ligações.

O conceito de atentar é de extrema relevância para as discussões presentes neste trabalho, uma vez que os reforços emitidos pela audiência apresentados diante da emissão de relatos repetitivos fazem com que o falante fique sob controle discriminativo de determinados eventos. Conforme será demonstrado no próximo capítulo, quando o comportamento de relatar problemas é reforçado com maior frequência e magnitude do que relatar sobre outros assuntos, a tendência do indivíduo é ficar mais sobre o controle discriminativo dos problemas que vivencia ao longo do seu dia-a-dia. O conceito é importante para realizar uma análise comportamental acerca dos relatos repetitivos emitidos durante as sessões. Nesses casos, o terapeuta deve identificar os eventos sob os quais o sujeito está atentando para realizar uma

intervenção clínica que leve o cliente a perceber as contingências que controlam o seu comportamento.

4. Relatos Repetitivos

Conforme apresentado nos capítulos anteriores, os comportamentos verbais são respostas controladas por reforços emitidos pelo ouvinte. Casos em que clientes relatam de forma recorrente determinado assunto podem sinalizar um comportamento controlado pelos reforços obtidos por seus ouvintes. O presente trabalho busca realizar uma análise a respeito de relatos repetitivos sob controle discriminativo de determinados eventos em detrimento de outros.

Os relatos são comportamentos verbais compostos por fatos, ou seja, uma descrição de eventos de sua vida. Clientes em terapia podem emitir com alta frequência relatos caracterizados pela presença de um mesmo tema. Nesses casos, os clientes podem emitir relatos repetitivos tanto de situações reforçadoras ou aversivas. A alta frequência dessas respostas pode estar sob controle de reforçadores condicionados generalizados ou reforçadores negativos, conforme será explicado ao longo deste capítulo. A obtenção de tais reforços diminui a probabilidade de variabilidade comportamental, mantendo sempre a mesma topografia de resposta. Os relatos repetitivos também podem ser apresentados na forma de justificativa para comportamentos recorrentes. Um cliente, por exemplo, pode justificar sua indisposição para procurar emprego ou fazer novas amizades por meio da emissão de diversos relatos relacionados a sofrimentos e decepções vivenciadas nesses contextos. Nesse caso, o relato repetitivo torna-se uma regra criada pelo próprio sujeito para justificar suas ações. Da mesma forma, clientes com relatos de dores crônicas podem emitir relatos frequentes relacionados ao seu sofrimento físico como justificativa para não fazer algo. Por esse motivo, faz-se necessário realizar uma análise funcional que identifique quais são as consequências geradas pelos relatos repetitivos, ou seja, o que o cliente obtém ou evita ao se comportar dessa forma.

A importância de tratar os relatos repetitivos como comportamentos-alvo deve-se ao fato de que esses clientes apresentam uma topografia limitada de resposta que, em longo prazo, pode gerar prejuízos em seus relacionamentos interpessoais. A exposição prolongada da audiência a relatos repetitivos pode ter como efeito a extinção dos reforçadores condicionados generalizados, além de aumentar a probabilidade de o comportamento, que antes era reforçado, ser punido. A extinção dos reforços que mantinham o comportamento e a sua punição são consequências aversivas que podem trazer grande sofrimento para um cliente. Nesse sentido, também serão discutidas formas de intervenção que aumentem a variedade de respostas do cliente, assim como o entendimento a respeito de seu comportamento. Veja por exemplo uma pessoa que sempre se queixa de dores na presença de determinadas pessoas. Diante desses relatos algumas pessoas emitem reforçadores condicionados generalizados como atenção e carinho. Além disso, esses relatos também podem ter como consequência que o queixoso deixe de entrar em contato com situações aversivas como realizar trabalhos pesados. Por algum tempo, esse comportamento será reforçado e por isso terá sua frequência aumentada. A questão debatida neste trabalho são os possíveis efeitos que podem aparecer ao longo do tempo. É razoável pensar que após ouvir uma pessoa se queixar diversas vezes sobre a mesma coisa, alguns indivíduos parem de emitir reforçadores condicionados generalizados. Outro efeito possível é que o relato deixe de sensibilizar os ouvintes, diminuindo a probabilidade de reforçamento negativo, ou seja, de que o falante evite eventos aversivos diante da emissão de determinados relatos. É importante ressaltar que ao considerar os relatos queixosos desse exemplo como comportamento-alvo, o objetivo do terapeuta não deve se limitar à redução de sua frequência, devendo também realizar um trabalho voltado para o aumento da frequência de respostas de autoconhecimento.

De acordo com Medeiros (2002), a terapia depende dos relatos de seus clientes sobre episódios de sua vida. A análise funcional tem como objetivo identificar a função desses

relatos e quais as contingências responsáveis por sua alta frequência. É importante lembrar que, para que um comportamento seja considerado clinicamente relevante, esse deve ocorrer dentro da sessão, uma vez que o ambiente terapêutico possibilita ao terapeuta alterar as contingências identificadas para alterar a frequência do comportamento (Kohlenberg & Tsai, 1991/2001).

O presente capítulo será dividido em três partes. Primeiramente, serão descritas algumas formas comuns de relatos repetitivos. Em seguida, serão discutidas algumas propostas de intervenção utilizadas na terapia analítico-comportamental. Ao final do capítulo, serão apresentados alguns estudos relacionados à modelagem do comportamento verbal que servirão para ilustrar as discussões sobre a intervenção clínica dos relatos repetitivos.

4.1. Reforçadores Condicionados Generalizados

Para entender a função dos relatos repetitivos, é importante entender quais são os reforçadores que controlam esses comportamentos. Para Skinner (1953/1994, p. 85), “um reforçador condicionado será generalizado quando emparelhado com mais de um reforçador primário”. O autor destaca que a probabilidade de uma resposta ocorrer aumenta quando um reforço condicionado é emparelhado com reforçadores apropriados (Skinner, 1953/1994).

Quando um comportamento verbal é reforçado pelo ouvinte, sua probabilidade de ocorrer novamente aumenta. Segundo Skinner, isso ocorre porque “qualquer organismo que seja reforçado por seu sucesso na manipulação da natureza, independente de consequências momentâneas, estará em posição favorecida quando consequências importantes se seguirem” (Skinner, 1953/1994, p. 86). O autor afirma que na ocasião de reforço do comportamento pelo ouvinte, diversos reforços generalizados são emitidos, tais como a atenção, a aprovação, o afeto e a submissão. A compreensão desses reforços é importante para o entendimento de como relatos repetitivos observados na clínica são mantidos.

Para Skinner (1953/1994, p. 86), “a atenção das pessoas é reforçadora por ser condição necessária para os outros reforços que dela provém”. O autor destaca que muitas respostas verbais demandam atenção. Uma criança pode apresentar um repertório comportamental variado para conseguir atenção de seus pais como, por exemplo, fazer birra, chorar ou fingir-se de doente. Da mesma forma, uma pessoa pode ter seus relatos reforçados diante da emissão de respostas de atenção pelo ouvinte.

4.2. Reforçadores Negativos

Além da obtenção de reforçadores condicionados generalizados, os relatos repetitivos também podem ter sua frequência controlada pela obtenção de reforços negativos. De acordo com Millenson (1967/1976), o reforçamento negativo ocorre quando um comportamento operante reduz a probabilidade de contato com estímulos aversivos. Para o autor “os reforços negativos incluem os eventos que, no linguajar comum, chamamos de irritantes, desconfortáveis, dolorosos, desagradáveis, nocivos e assim por diante” (p. 383). Millenson (1967/1976) ressalta que os termos utilizados no linguajar comum não são adequados para uma análise funcional, preferindo chamar os reforçadores negativos de aversivos, passando a noção de evitar, mover-se para longe ou fugir de uma situação.

De acordo com Moreira e Medeiros (2007) existem dois tipos de comportamentos reforçados negativamente: os comportamentos de fuga e comportamentos de esquiva. Os autores definem os comportamentos de fuga como aqueles que retiram do ambiente um estímulo aversivo (Moreira & Medeiros, 2007). Os comportamentos de esquiva, por sua vez, são aqueles em que os estímulos aversivos são cancelados ou adiados (Moreira & Medeiros, 2007). Segundo Moreira e Medeiros (2007) uma forma de diferenciar estes comportamentos é: “considerar a esquiva como uma prevenção, e a fuga como uma remediação” (p. 67). Os autores ressaltam ainda que: “os comportamentos de fuga e esquiva somente são estabelecidos

e mantidos por contingências de reforço negativo” (Moreira & Medeiros, 2007, p. 67). Fingir uma doença para não ir ao trabalho é um exemplo de esquiva, pois o estímulo aversivo não está presente na situação. Se o indivíduo fosse embora do trabalho alegando não se sentir bem para não realizar uma tarefa, ele estaria emitindo um comportamento de fuga, uma vez que o estímulo aversivo estava presente na situação.

4.3. Exemplos de Relatos repetitivos

4.3.1. Relato Verbal Queixoso

Uma forma de relato comum em clientes em terapia é o comportamento verbal queixoso. Comumente pessoas que emitem tatos sobre eventos aversivos obtêm, por parte dos ouvintes, respostas de apoio, admiração, carinho, pena, entre outros (Oliveira, 2009). O comportamento verbal queixoso é caracterizado pela emissão de tatos de eventos aversivos controlados por reforços condicionados generalizados de seus ouvintes. Um cliente que passa grande parte da sessão queixando-se da forma como é desvalorizado e hostilizado por seus colegas de trabalho é um exemplo de comportamento verbal queixoso. Fora do ambiente terapêutico, esse tipo de relato pode ter como resposta do ouvinte a emissão de reforçadores condicionados generalizados como atenção, afeto ou verbalizações do tipo: "as coisas não são assim, as pessoas gostam de você" ou ainda "os outros é que perdem não gostando de você". Cabe ao terapeuta realizar uma análise funcional para identificar a função desse comportamento e, quando necessário, aplicar um reforçamento diferencial para redução destes relatos aversivos. No estudo de Oliveira (2009), sugere-se que uma intervenção realizada por meio de procedimentos de reforçamento diferencial e de questionamento reflexivo pode levar o cliente ao autoconhecimento, permitindo que ele perceba a função de seus relatos e amplie o seu repertório comportamental.

Fester, Culbertson e Boren (1968/1982) demonstram que, além da obtenção dos reforçadores condicionados generalizados, o comportamento queixoso pode ser mantido por reforçamento negativo. Dessa forma, o comportamento queixoso funciona como uma esquiva e/ou fuga de estímulos aversivos. Um exemplo que demonstra esse comportamento é observado em crianças que se esquivam do questionamento de seus pais sobre suas notas se queixando sobre determinados assuntos. Quando os pais dão atenção às queixas do filho e não falam sobre suas notas, pode-se dizer que o comportamento queixoso teve como função desviar a atenção do ouvinte, evitando assim o contato com assuntos aversivos. Um exemplo clínico desse comportamento ocorre quando um cliente, ao ser questionado sobre sua vida sexual, passa a emitir relatos queixosos sobre seus colegas de trabalho. Nesse caso, o cliente passa a emitir um comportamento de fuga para não entrar em contato com assuntos aversivos relacionados à sua vida sexual.

4.3.2. Respostas Verbais Hipocondríacas

Assim como o comportamento verbal queixoso, clientes com hipocondria, fibromialgia e lesões por esforços repetitivos² (LER) podem apresentar relatos repetitivos queixosos controlados por reforçadores condicionados generalizados ou reforços negativos. Nesse caso, os clientes costumam relatar repetitivamente a forma como dores e desconfortos físicos afetam sua vida, assim como as suas peregrinações a consultórios médicos, hospitais, laboratórios, etc. Os relatos repetitivos destes clientes podem tanto ter como consequência a atenção de pessoas próximas, como a esquiva de eventos aversivos. Um exemplo de resposta verbal hipocondríaca pode ser observado no relato de um cliente que, mesmo falando sobre suas férias, insiste em focar os seus relatos em fatos sobre as dores que sentiu enquanto estava na praia, ou como não pode relaxar por achar que o ambiente era ruim para sua saúde. Caso a

² Também denominado por alguns autores como doenças osteomusculares relacionadas ao trabalho (DORT).

análise funcional desse cliente identifique estes relatos como comportamentos cuja frequência se deseja reduzir, o terapeuta poderá aplicar um reforço diferencial em que apenas os relatos sobre aspectos positivos sobre a viagem serão reforçados.

De acordo com Castanheira (2006), as dores podem ser de natureza física ou funcional. Complementa dizendo que, nesses relatos que descrevem dores, “o cliente fica sob controle de comportamentos e estados corporais e não consegue relacioná-los com a atuação de contingências coercitivas, produtoras de operantes de fuga e esquiva e, ao mesmo tempo, eliciadoras de reações respondentes” (p. 425). Para a autora, é importante avaliar qual a função desses relatos e qual o significado que o cliente dá ao obter atenção e cuidados. Assim como nos casos de comportamento verbal queixoso, o terapeuta deve levar o cliente a compreender a função de seu comportamento, identificando as circunstâncias em que ocorrem e quais são os reforços envolvidos.

Quando a pessoa não fica sob controle dos eventos ambientais, que compõem as variáveis que controlam as mudanças comportamentais e os estados corporais sentidos, o terapeuta terá que ensiná-la a identificar e descrever as relações funcionais entre comportamentos e variáveis ambientais que os determinam. Em seguida, deve capacitá-la a alterar as relações na direção que lhe for mais apropriada. (Guilhardi, 2004, p. 3).

Sobre a postura do terapeuta no tratamento desses clientes, Skinner afirma: “tiremos partido da posição do indivíduo como um observador de si mesmo e permitamos que ele nos informe acerca do elo mediado entre o comportamento e suas causas antecedentes” (1974/2006, p. 183). Para o autor, quando um indivíduo é punido por expressar seus sentimentos, tende a criar situações em que esse comportamento possa ser emitido. Por esse motivo, é importante que o terapeuta investigue a função da emissão recorrente de respostas hipocondríacas. Nesses casos, o foco de questionamento do terapeuta não deve ser a

veracidade da doença ou dor relatada e sim para quais pessoas esse comportamento é emitido e quais são os reforços apresentados.

4.3.3. Esquizofrênicos

Os relatos repetitivos em clientes com diagnóstico de esquizofrenia são considerados por alguns autores como falas psicóticas. Skinner (1956/1979, citado por Britto, Rodrigues, Santos & Ribeiro, 2006) afirma que essas falas são denominadas psicóticas simplesmente por não descreverem algo que é característico do contexto, sendo parte ou parcela de seu comportamento. Britto e cols. (2006) definem os delírios e alucinações de clientes psicóticos como classes de comportamentos verbais, podendo ocorrer em função de reforçadores emitidos pela audiência.

Um estudo realizado por Ayllon e Haughton (1964, citado por Britto e cols., 2006) demonstrou um experimento com clientes psicóticos no qual foi aplicado um procedimento de reforço diferencial. Como resultado, foi observado uma significativa redução da frequência das falas consideradas psicóticas e o aumento das falas consideradas neutras.

De forma semelhante à observada no comportamento verbal queixoso, determinados relatos de clientes com esquizofrenia podem ocorrer com maior frequência diante de determinados estímulos discriminativos, sendo controlados pela emissão de reforços condicionados generalizados. Para Britto e cols. (2006), apesar de diagnósticos psiquiátricos descreverem delírios e alucinações como indicadores de esquizofrenia, estudos sugerem que as falas psicóticas podem ser mantidas pelo reforçamento positivo sob a forma de atenção. Os autores citam ainda um estudo realizado por Dixon, Benedict e Larson (2001, citado em Britto e cols., 2006) em um cliente de 25 anos com diagnóstico de transtorno psicótico e retardo mental. A análise funcional desse cliente indicou que as verbalizações psicóticas eram mantidas pela atenção. Como forma de intervenção, o cliente foi submetido a um

procedimento de reforço diferencial no qual as falas apropriadas eram reforçadas e as falas psicóticas não eram reforçadas. O resultado positivo da intervenção indicou que as falas psicóticas ocorriam em função de reforços positivos.

4.3.4. Relatos de Pais sobre Filhos – “Cuidadores”

Uma forma de relato repetitivo observado em alguns pais é caracterizada por constantes falas envolvendo eventos vivenciados por seus filhos. Nesses casos, alguns pais exaltam as qualidades (reais ou imaginárias) dos filhos, deixando de lado sua própria vida. A alta frequência desses relatos pode ocorrer devido à maior disponibilidade de reforços condicionados generalizados emitidos pela audiência, ou por permitir ao falante evitar o contato com relatos pessoais que tragam consequências aversivas. Dessa forma, ao elogiar constantemente seus filhos, uma mãe pode evitar comentar eventos aversivos como, por exemplo, dificuldades no casamento ou no trabalho.

Quando uma mãe, reunida com suas amigas, passa a relatar as diversas qualidades de sua filha, esse comportamento é reforçado por elogios e admiração. Os reforços emitidos pela audiência aumentam a probabilidade de o comportamento voltar a ocorrer (Moreira & Medeiros, 2007). Dessa forma os relatos se tornam repetitivos, uma vez que respondem a estímulos discriminativos que sinalizam a maior probabilidade de reforço quando são relatados os eventos vivenciados pela filha. Em contrapartida, a probabilidade do relato de eventos vivenciados pela própria pessoa diminui. Nesses casos, pode-se dizer que o indivíduo passa a ser visto pela audiência como a mãe de determinada pessoa ao invés da pessoa em si. Isso ocorre porque é menos trabalhoso para uma mãe relatar os comportamentos de sua filha para obter reforços do que comportar-se por si mesmo. Como os comportamentos relatados não são seus, a mãe pode assumir os créditos pelo sucesso e responsabilizar a filha pelos fracassos.

A emissão de reforços condicionados generalizados, além de aumentar a frequência dos relatos sobre as qualidades dos filhos, também tem como efeito a diminuição da frequência dos relatos não reforçados, diminuindo a variabilidade na topografia das respostas (Moreira & Medeiros, 2007). Tal comportamento pode trazer consequências aversivas no futuro, uma vez que uma audiência exposta constantemente a esses relatos tende a emitir cada vez menos reforços ao falante, podendo extinguir os reforços ou até mesmo punir o comportamento do falante. Muitas vezes, o cliente não é capaz de estabelecer uma relação entre seus relatos e o fato de que pessoas próximas tendem a se afastar após algum tempo. Em alguns casos, ao perceber o afastamento de seus amigos, o cliente pode até mesmo alterar o formato de seus relatos e buscar novas audiências mas, ao manter a mesma topografia de respostas, continua sujeito às mesmas consequências aversivas vivenciadas anteriormente.

4.3.5. Concurseiro

Atualmente uma prática muito comum entre jovens é a busca de realização profissional por meio do serviço público. O grande número de pessoas que se dedicam a estudar para concursos públicos compõe um grupo que será chamado, neste trabalho, como concurseiros. Apesar de não haver muitos estudos focados em uma análise funcional dos relatos verbais de concurseiros, é possível observar que muitos clientes que estudam para concursos utilizam essa prática como desculpa para evitar diversos eventos aversivos, criando uma auto-regra em que qualquer mudança de comportamento depende primeiramente de uma aprovação em concurso. Cabe ao terapeuta, por meio de análise funcional, identificar quais contingências controlam os relatos repetitivos sobre concursos.

De acordo com Landim (2008), passar em um concurso público é um projeto de longo prazo que atrai os estudantes devido às promessas de boa remuneração e estabilidade financeira. Para a autora, esses estudantes dividem a preparação para os concursos com outras

atividades e responsabilidades, tais como trabalho, lazer, faculdade e família. Para Landim (2008), algumas destas atividades são essenciais e por isso não podem ser abandonadas, colocando o indivíduo em uma situação de escolha na qual nem sempre as escolhas terão consequências reforçadoras. Essa inabilidade para lidar com diversas atividades e responsabilidades simultâneas pode levar o indivíduo a priorizar a atividade de preparação para concursos públicos em detrimento de outras. É comum observar nos clientes que se dedicam à preparação para concursos públicos uma alta frequência de relatos relacionados a esse tema. O terapeuta deve estar atento para a emissão de fatos puros, fatos distorcidos e intraverbais que estejam sob controle de reforçadores condicionados generalizados. Isto pode ser observado quando o relato sobre os estudos têm como consequência elogios e admiração de seus ouvintes. Tais reforços da audiência são estímulos discriminativos que aumentarão a probabilidade desse tipo de relato subsequente. O relato de estudar para concurso público pode, também, ser controlado por reforços negativos. Um exemplo disso pode ser observado em casos em que os pais cobram dos filhos que comecem a trabalhar, ou nos relacionamentos em que exista uma cobrança de casamento. Nesses casos, um indivíduo passa a dizer que está estudando para concurso público toda vez que é indagado sobre trabalho ou casamento. Os relatos desse indivíduo têm como função a esquiva ou fuga de eventos aversivos. Esses relatos também podem ser apresentados como justificativas para que o indivíduo se dedique aos estudos em detrimento de outras áreas de sua vida. Nesse caso, o sujeito cria uma auto-regra onde a aprovação em um concurso é condição para que outros aspectos de sua vida se desenvolvam.

Outro aspecto interessante sobre os relatos repetitivos de concurseiros é seu papel como forma de inserção social. Nesse caso, o concurseiro passa a pertencer a uma comunidade verbal na qual o assunto concurso público é recorrente. Um grupo de concurseiros passa a servir de estímulo discriminativo que sinaliza que relatos sobre

concursos públicos têm maior probabilidade de serem reforçados. Se o indivíduo falar com essas pessoas sobre viajar para a praia, a probabilidade de reforço por parte da audiência diminui, reduzindo assim a frequência desse comportamento.

4.4. Propostas de Intervenção

Conforme dito anteriormente, a intervenção clínica é elaborada após realização de uma análise funcional. A partir da análise funcional, são identificados quais são os comportamentos de relevância clínica que devem ser trabalhados. A intervenção clínica dos relatos repetitivos pode ser composta pela união das técnicas de questionamento reflexivo e reforço diferencial. Para que o terapeuta aplique esses procedimentos, é necessário identificar quais são os comportamentos presentes nas sessões que devem ter a sua frequência reduzida ou aumentada. Na análise do comportamento, busca-se especificar esses comportamentos, que são chamados de comportamentos clinicamente relevantes (CRB). A identificação dos comportamentos que serão trabalhados e a utilização dos procedimentos citados possibilitam uma intervenção que leve o cliente a obter autoconhecimento sobre seu comportamento e alterar a frequência em que este ocorre. A seguir serão mais bem explicados os conceitos de CRB, reforço diferencial e questionamento reflexivo.

4.4.1. Comportamentos Clinicamente Relevantes

De acordo com Kohlenberg e Tsai (1991/2001), “o termo comportamento clínico relevante (CRB) inclui tanto os comportamentos-problema como os comportamentos finais desejados” (p. 15). É importante ressaltar que são entendidos como CRBs apenas os comportamentos observados durante as sessões. Conforme descrito por Kohlenberg e Tsai (1991/2001), três tipos de comportamento do cliente podem ocorrer durante a sessão. Os comportamentos sinalizados pela análise funcional que devem ter a frequência reduzida são

chamados de CRBs 1. Esses são tipicamente esquivas sob controle de estímulos aversivos. Já os comportamentos que a análise funcional identifica como desejáveis, mas que possuem baixa probabilidade de ocorrência, são denominados como CRBs 2. Nesse caso, o terapeuta deverá buscar formas para que ocorra um aumento na frequência de emissão desses comportamentos. Um procedimento útil para trabalhar com os CRBs 1 e CRBs 2 é o reforço diferencial, que será explicado mais adiante. Já o CRB 3 ocorre quando o cliente passa a emitir interpretações a respeito de seus próprios comportamentos. Para Kohlenberg e Tsai (1991/2001), “O melhor CRB3 envolve a observação e interpretação do próprio comportamento e dos estímulos reforçadores, discriminativos e eliciadores associados a ele” (p. 25). Um dos procedimentos úteis para levar o cliente à emissão de CRBs 3 é o questionamento reflexivo, que será comentado adiante. Conforme visto anteriormente a estratégia de intervenção deve definir quais comportamentos devem ter sua frequência aumentada ou reduzida, e quais são as interpretações importantes que o cliente deve ser capaz de realizar.

4.4.2. Reforço Diferencial

Outra forma de intervenção utilizada em casos de relatos repetitivos é o reforço diferencial ou escuta diferencial. Esse procedimento tem como objetivo diminuir a frequência dos comportamentos não desejáveis e aumentar a frequência de comportamentos desejáveis identificados na análise funcional do cliente. No caso dos relatos repetitivos, o terapeuta passaria a extinguir os reforços diante de relatos repetitivos e ser reforçador diante de relatos sobre outros assuntos. O estudo de Oliveira (2009), que será mais bem descrito ao final deste capítulo, sugere que clientes expostos ao procedimento de reforço diferencial apresentam mudança na frequência dos relatos verbais queixosos.

De acordo com Moreira e Medeiros (2007), o reforço diferencial é um procedimento

no qual o terapeuta reforça alguns comportamentos considerados desejáveis enquanto coloca em extinção os comportamentos indesejáveis. Um exemplo disso pode ser verificado na aplicação do reforço diferencial em clientes que relatam repetitivamente a forma como sofrem devido a problemas de saúde. Neste caso, o terapeuta deve ser hábil para identificar relatos nos quais tais eventos aversivos estão ausentes. Quando o cliente relatar, por exemplo, que foi a uma festa ou que conheceu uma pessoa interessante, o terapeuta deve demonstrar interesse, sorrir mais, balançar a cabeça de forma mais entusiasmada e perguntar mais sobre o assunto. Essa postura do terapeuta reforçará os relatos do cliente sob controle discriminativo de eventos reforçadores. De forma inversa, o terapeuta irá suspender tais reforçadores diante da emissão dos relatos repetitivos do cliente. Nesses casos, quando o cliente voltar a emitir relatos repetitivos, o terapeuta irá sorrir menos, demonstrar menos interesse e buscar novos assuntos. Esse processo consiste na suspensão dos reforços que normalmente controlariam determinados relatos. De acordo com Moreira e Medeiros (2007), um comportamento que não é seguido por reforçadores tende a diminuir de frequência.

É importante ressaltar que os efeitos do procedimento de escuta diferencial dependem da habilidade do terapeuta em identificar corretamente quais comportamentos irá reforçar ou colocar em extinção. Caso o terapeuta eventualmente reforce um comportamento cuja frequência deseja reduzir, pode colocar o cliente em um esquema de reforço intermitente. De acordo com Moreira e Medeiros (2007), quando um sujeito é colocado em esquema de reforçamento intermitente, o seu comportamento acaba por tornar-se mais resistente à extinção.

4.4.3. Questionamento Reflexivo

Além da aplicação do reforço diferencial, a intervenção nos casos de relatos repetitivos tem maior impacto quando o próprio cliente chega a conclusões a respeito do seu

comportamento. Um procedimento utilizado com esse propósito é o uso de perguntas abertas que levem o cliente a uma reflexão sobre determinados assuntos. Esse método, chamado de questionamento reflexivo, tem como objetivo levar o cliente à reflexão e ao autoconhecimento. Pode-se dizer que repostas de autoconhecimento se tratam de regras, uma vez que são descrições verbais das contingências que controlam o comportamento do cliente (Medeiros, 2010).

A probabilidade de um cliente criar regras e auto-regras que sejam efetivamente seguidas é muito maior quando essas são elaboradas por ele mesmo (Souza, 2009). Quando o terapeuta diz ao cliente o que fazer, ele deixa de criar condições para que o mesmo encontre as soluções, ou seja, emita auto-regras (Medeiros, 2010). De acordo com Medeiros, o uso de regras na intervenção clínica não é aconselhável, uma vez que diminuem a probabilidade de que o cliente de fato as cumpra: “A pessoa que recebe o conselho muitas vezes concorda com ele. Mesmo assim tende a fazer o que já estava propensa a fazer, mesmo que contrarie o conselho com o qual concordara” (Medeiros, 2010, p. 95). Além disso, o autor ressalta que um processo no qual o terapeuta emite regras pode ter efeitos colaterais como dependência e resistência.

O questionamento reflexivo, assim como o diálogo socrático descrito por Miyazaki (2004), é um procedimento em que o terapeuta, ao invés de dar as repostas, faz diversas perguntas para que o cliente tenha condições de encontrar soluções para os seus problemas³. A vantagem do questionamento reflexivo sobre procedimentos com emissão de regras está no fato de que o cliente é levado a um processo de autoconhecimento que pode ser generalizado para fora do ambiente clínico. O questionamento reflexivo é um procedimento útil na intervenção de clientes com relatos repetitivos, uma vez que leva o cliente a perceber por si próprio a função e as consequências de seus relatos. Pode-se observar a aplicação do

³ A diferença entre o questionamento reflexivo e o socrático está no fato de que no primeiro são utilizadas somente perguntas abertas.

questionamento reflexivo quando um terapeuta é questionado por seu cliente sobre o que ele deve fazer em determinadas situações. Nesse caso, o questionamento reflexivo seria aplicado por meio de perguntas que levassem o cliente a ponderar sobre a frequência em que pede a opinião de outras pessoas, sobre a frequência em que ele segue os conselhos que recebe e qual a possibilidade de que um conselho dado pelo terapeuta seja, de fato, seguido.

4.4.4. Dever de Casa - Tarefas para Realização entre as Sessões

Outro procedimento útil para aumentar a frequência de um comportamento-alvo ou a emissão de respostas de autoconhecimento é propor ao cliente que realize tarefas reflexivas para serem discutidas na sessão seguinte. O objetivo dessas tarefas, ou deveres de casa, é levar o cliente a refletir, observar e ter elementos para relatar sobre outros assuntos diferentes daqueles que usualmente aborda nas sessões, dando-lhe a oportunidade de elaborar suas próprias conclusões. De acordo Dattilo e Freeman (2004), os deveres de casa permitem ao terapeuta criar condições para que o processo terapêutico seja estendido para outros contextos.

Nos casos de relatos repetitivos de pais cuidadores discutidos neste capítulo, o terapeuta poderia requisitar que o cliente, ao longo da semana, fizesse um registro descrevendo sua percepção como pessoa e a forma como ele é visto pelos outros. Esse dever de casa tem como objetivo aumentar a frequência de respostas diferentes das emitidas durante as sessões, ou seja, fazer com que aumente a frequência de relatos que não incluam seus filhos. Em outro exemplo, um terapeuta pode requisitar a uma cliente com alta frequência de relatos queixosos que registre o tempo despendido com queixas durante suas conversas, para quais pessoas ela se queixa e como elas reagem. O objetivo desse dever de casa é levar o cliente a discriminar o quanto essas queixas permeiam seus episódios verbais. Para Vandenberghe (2005): “Através de exercícios, o paciente pode aprender a identificar emoções negativas relacionadas com a dor e com eventos estressantes” (p. 49). Apesar de o dever de

casa ser uma fonte de dados alternativa, sua execução nem sempre é necessária. Caso a cliente do exemplo anterior não realizasse o exercício, a simples reflexão sobre a frequência de seu comportamento já teria um impacto útil para o processo terapêutico. Deve-se ressaltar que esses deveres devem ser cobrados na sessão seguinte, reforçando o comportamento do cliente.

4.5. Demonstrações Empíricas da Modelagem de Comportamentos Verbais

Para melhor compreensão do caráter operante dos relatos repetitivos e dos efeitos de sua frequência diante da alteração de suas contingências, serão demonstrados a seguir estudos sobre modelagem do comportamento por meio do procedimento de reforço diferencial.

Salzinger, Feldman, Cowan e Salzinger (1966/1972) realizaram uma pesquisa sobre o condicionamento operante em dois meninos com deficiência de linguagem. Nesse estudo buscou-se demonstrar a importância do reforçador humano, ampliando a concepção de situação reforçadora. O estudo teve como objetivo demonstrar os efeitos das técnicas de condicionamento operante no comportamento verbal. As técnicas foram aplicadas em duas crianças hospitalizadas. A primeira criança (C-1) tinha 3 anos, estava internada em um hospital psiquiátrico devido a um diagnóstico de deficiência mental e síndrome cerebral crônica. A criança não emitia palavras compreensíveis, apresentando um comportamento verbal constituído de sons de vogais e consoantes, choros, gritos e grunhidos. Com esse participante, foram realizadas sessões quase diárias durante o período de 9 meses. A segunda criança (C-2), também com 3 anos, era vítima de violência por parte dos pais, apresentando comportamento negativista e destrutivo. A criança foi encaminhada ao hospital psiquiátrico por apresentar desordem de comportamento. O segundo participante era capaz de responder emocionalmente à presença de outras pessoas, demonstrando medo de estranhos. O seu comportamento verbal limitava-se quase que exclusivamente ao uso apropriado de algumas palavras. De acordo com Salzinger e cols. (1966/1972), a segunda criança, quando comparada

com a primeira, apresentava respostas adequadas diante de ordens variadas e complexas.

O trabalho com C-1 foi dividido em duas partes. Na primeira parte do estudo de Salzinger e cols. (1966/1972), foram realizadas 195 sessões experimentais com uso de contingências de reforçamento restrito. As duas primeiras sessões serviram para estabelecer o experimentador como fonte de reforçamento restrito. Entre as sessões 3 e 113, foram realizados esquemas de reforçamento. A partir da sessão 21, o participante já pronunciava o nome de cada doce que recebia. Entre as sessões 114 e 142 foram realizados treinos discriminativos, nos quais estímulos discriminativos⁴ eram apresentados diante da emissão de palavras ligadas aos reforçadores apresentados. Essas sessões eram iniciadas e finalizadas com um período S^D de três a cinco minutos ao todo, alternando S^D e S^A . Os períodos S^D e S^A tinham a duração de 5 a 10 minutos em variados momentos da sessão. Essas sessões duravam de 20 a 50 minutos. Entre as sessões 143 e 168, o comportamento que estava sob contingência de tempo arbitrária passou a ficar sob contingência da presença e ausência do S^D . Inicialmente, os S^D eram apresentados diante da primeira palavra da criança e sua permanência era cronometrada. Após três minutos, caso não houvesse nova emissão de palavras, os S^D eram retirados. No caso de novas emissões, os S^D eram reapresentados imediatamente. Entre as sessões 170 e 178, esse intervalo⁵ foi reduzido para dois minutos. Entre as sessões 179 e 195, o participante deveria responder corretamente a pedidos verbais entregando quatro brinquedos ao experimentador. A execução correta da tarefa era recompensada com aplausos, doces e a permissão para brincar durante um período de dois a três minutos. Na segunda parte do estudo, Salzinger e cols. (1966/1972) realizaram 61 sessões específicas⁶. Nessas sessões, os pesquisadores buscaram introduzir palavras no repertório de

⁴ Os estímulos discriminativos selecionados por Salzinger e cols. (1966/1972) foram livros e brinquedos com os quais a criança brincava frequentemente e que se adequavam ao seu vocabulário limitado.

⁵ Nas sessões experimentais 114 a 178, os estímulos discriminativos eram constituídos por doces.

⁶ Salzinger e cols. (1966/1972) não apresentaram os dados qualitativos e descrição dos procedimentos das sessões especiais.

C-1 e obter o controle de estímulos de respostas verbais e não verbais que não tinham a sua emissão reforçada. As sessões especiais foram introduzidas depois da sessão experimental 93. Elas ocorriam de forma intercalada com as sessões experimentais e tinham duração máxima de 30 minutos.

As sessões realizadas com a segunda criança (C-2) eram semelhantes às já descritas. Para Salzinger e cols. (1966/1972), a principal diferença estava na maior facilidade para o estabelecimento de critérios para o reforçamento de palavras, uma vez que C-2 apresentava comportamento verbal, ou seja, era capaz de emitir palavras. Após dois meses de sessões especiais, deu-se início a um procedimento experimental com C-2. Nesse procedimento, a criança foi levada a uma sala onde podia brincar com diversos brinquedos, livros e objetos. O entrevistador permanecia em silêncio até a criança emitir alguma palavra, frase ou sentença. Nesse caso, o entrevistador respondia com expressões vocais similares às emitidas pelo participante. As verbalizações que correspondiam a um objeto presente eram reforçadas, enquanto que as vocalizações (murmúrios ou ruídos) eram colocadas em extinção. Foram realizadas 56 sessões experimentais com C-2. As duas primeiras sessões, com duração de 60 minutos, foram divididas em períodos alternados de 15 minutos. Em um dos períodos, o estímulo descritivo contingente à fala da criança era a fala do entrevistador. No outro período, o entrevistador falava de forma constante, fazendo observações relevantes à atividade do participante. Da sessão 3 até a 14, foram observadas as respostas ao procedimento contingente. Entre as sessões 15 e 19, o participante passou a ser reforçado somente quando pedia um objeto segurado pelo entrevistador. Da sessão 20 até a 31, o procedimento foi alterado e o reforço passou a ser apresentado somente quando o participante imitava as verbalizações do entrevistador. Entre as sessões 32 e 56, foram realizados procedimentos visando o condicionamento dos nomes de cores e o controle discriminativo. De acordo com Salzinger e cols. (1966/1972), após pouco tempo, cinco nomes de cores foram acrescentados ao

vocabulário de C-2, estando sob controle dos S^D apropriados.

A pesquisa realizada por Salzinger e cols. (1966/1972) é um exemplo do efeito de técnicas de condicionamento operante no comportamento verbal. Essa pesquisa demonstra como os comportamentos verbais podem ser modelados por meio do reforço diferencial. De acordo com Salzinger e cols. (1966/1972) os resultados observados nesse estudo foram:

Com a primeira criança foi possível condicionar uma frequência de vocalização e modelar um pequeno vocabulário reforçando as aproximações sucessivas a palavras, mas não foi obtido controle discriminativo sobre a emissão de palavras. Com a segunda criança foi possível usar um reforço social para condicionar a fala e obter controle discriminativo sobre uma variedade de respostas (p. 134).

Goldiamond (1966/1972) realizou uma série de pesquisas sobre o comportamento verbal de gogos, tendo como objetivo verificar se a frequência e a forma da gagueira poderiam ser alteradas com o uso de procedimentos operantes. A hipótese inicial dos pesquisadores era a consideração do comportamento verbal como comportamento operante, sendo mantido por reforçamento. A pesquisa teve como resultado a elaboração de um grupo de procedimentos para alteração, estabelecimento ou manutenção de padrões específicos de respostas, tais como a gagueira. Para o autor, a gagueira pode ser definida por “uma frequência elevada de certas formas de fala. Estas formas de fala incluem interrupções, pausas, arritmias e outros bloqueios.” (Goldiamond, 1966/1972, p. 138).

Na primeira parte da pesquisa, três gogos tiveram que ler em voz alta durante duas sessões, de 90 minutos cada, sendo a primeira aversiva e a segunda de fuga. O pesquisador sinalizava por meio de um interruptor cada palavra bloqueada e gravava a página lida. Primeiramente, na sessão aversiva, após 30 minutos de gravação de gagueira, as palavras pronunciadas de forma errada eram seguidas de um som estridente de 105 decibéis durante

um segundo no fone de ouvido do participante. Após esse período de aversão, foi verificado um declínio significativo na gagueira dos três participantes. Na sessão de fuga, após 30 minutos de gravação foi introduzido um período de 30 minutos durante o qual cada erro desligava o som emitido por 5 segundos, definindo o reforço negativo. Nesse período, foi verificado um aumento da frequência da gagueira diante do reforço negativo. Para o autor, os resultados do experimento sinalizavam que a frequência da gagueira estava relacionada às suas consequências, diminuindo quando eram aversivas e aumentando quando reforçadas negativamente (Goldiamond, 1966/1972).

O segundo experimento teve como objetivo demonstrar que participantes sem problemas de gagueira podem ter sua fluência verbal modelada, passando a apresentar erros de dicção e pronúncia característicos de pessoas gagas (não fluência verbal). Na primeira sessão, o participante lia um texto em voz alta e, após um período de estabilização, passou a receber choques elétricos contínuos por meio de eletrodos. Nesse caso, cada erro de leitura era seguido da interrupção do choque por 10 segundos. O procedimento também possibilitava ao participante evitar o choque caso apresentasse erros em intervalos apropriados. Nesse período, a frequência de erros aumentou drasticamente, mantendo-se mesmo quando os choques foram eliminados, caracterizando um comportamento de esquiva. Na segunda sessão, que ocorreu dois dias após a primeira, o participante apresentou uma menor frequência de erros, tendo recebido apenas dois breves choques. Ao ser entrevistado após a sessão, o participante atribuiu os erros cometidos na primeira sessão ao seu nervosismo, não mencionando os choques. Quando questionado sobre os choques relatou que achava que esses tinham ocorrido por falha no equipamento, admitindo porém a relação entre os choques e os erros cometidos (Goldiamond, 1966/1972).

Os autores escolheram realizar uma análise de longa duração por considerarem a não fluência verbal característica da gagueira como uma classe de resposta operante. Na última

parte dessa pesquisa, o uso de choque elétrico e de som estridente foi eliminado por serem contra-indicados em procedimentos clínicos. Nessa fase do experimento foi escolhido como consequência o uso da voz do próprio participante. Foram selecionados três clientes com gagueira crônica, os quais realizaram leituras diárias de 90 minutos, cinco dias por semana, sendo que dois deles participaram do experimento por nove meses. Os livros utilizados para o procedimento foram “Guerra e Paz”, “Anna Karenina”, “Pequenos Romances de Tolstoy” e, por último, uma coleção de histórias breves. Tal como fora realizada da primeira vez, o controle da leitura foi realizado pelo pesquisador. Como resultado, foi observado que o *feedback* retardado da voz dos participantes teve os mesmo efeitos observados com o uso de sons estridentes utilizados no primeiro experimento, uma vez que era aversivo e seus efeitos eram específicos ao comportamento de gagueira do qual era contingente. Observou-se a diminuição de erros e o aumento da frequência de comportamentos verbais fluentes (Goldiamond, 1966/1974).

Os experimentos de Goldiamond (1966/1974) demonstram que até mesmo o comportamento verbal não fluente, característico da gagueira, pode ter sua frequência controlada por meio de alteração das contingências. O experimento de Goldiamond serve para ilustrar a forma como a frequência de um comportamento verbal pode ser alterada em um ambiente controlado, não condizendo, contudo, com procedimentos adequados para intervenção clínica, tanto pelas implicações éticas como pela grande variabilidade das variáveis envolvidas. O controle da frequência dos comportamentos verbais demonstrado no experimento de Goldiamond (1966/1974) é um exemplo do efeito do reforço diferencial sobre a frequência de relatos verbais. A partir desse experimento, pode-se dizer que formas adequadas de reforçamento diferencial são úteis na intervenção de clientes com relatos verbais repetitivos.

Britto, Rodrigues, Santos e Ribeiro (2006) realizaram um estudo com o objetivo de

investigar o comportamento verbal de um homem diagnosticado esquizofrênico há 29 anos. Para tal, foram realizadas 30 sessões de 45 minutos cada, duas vezes por semana. Para a aplicação do reforço diferencial, as respostas foram divididas em falas psicóticas e falas apropriadas. O procedimento consistiu no reforço das falas apropriadas, enquanto as falas psicóticas foram colocadas em processo de extinção. As falas consideradas como apropriadas eram constituídas de declarações que não estavam presentes nas falas psicóticas. As falas psicóticas eram respostas a estímulos ausentes no contexto e relatos repetitivos relacionados a transtornos mentais, diabo, Jimmy Carter, bichas e lésbicas.

A pesquisa de Britto e cols. (2006) demonstrou que o reforço diferencial foi um procedimento útil para o aumento das falas apropriadas e a diminuição das falas psicóticas. De acordo com os autores, os dados obtidos demonstram que as falas dos participantes da pesquisa foram controladas pelo reforço social combinado com a extinção. A respeito das falas psicóticas em clientes com diagnóstico de esquizofrenia, os autores ressaltam que a pesquisa trouxe evidências de que a exposição a um programa de interação com o ambiente permite a aprendizagem de falas apropriadas. Para os autores, as falas psicóticas devem ser consideradas como um comportamento verbal que segue os princípios de reforçamento e extinção. Os resultados observados na pesquisa são relevantes para este trabalho por demonstrarem que os relatos de clientes com diagnóstico de esquizofrenia são comportamentos operantes que podem ser controlados pela alteração de suas contingências. Da mesma forma que os relatos analisados por Britto e cols. (2006), os relatos repetitivos apresentados ao longo deste trabalho podem ter sua frequência trabalhada por meio da identificação e mudança de suas contingências mantenedoras.

Em pesquisa apresentada por Oliveira (2009) referente aos efeitos da escuta diferencial sobre a frequência dos comportamentos verbais queixosos, foram abordadas questões a respeito da importância do reforço diferencial em clientes com alta frequência de relatos

verbais queixosos. O experimento consistiu na comparação de cinco sessões de duas clientes escolhidas com base em análises funcionais que indicavam frequência de relatos queixosos.

A cliente M, de 66 anos, tinha relatos recorrentes de problemas de saúde, como fibromialgia, hipotireoidismo e artrite reumatóide. Essa cliente foi submetida a um reforçamento diferencial consistindo em um processo de extinção dos relatos queixosos e na apresentação de reforço diante de relatos de eventos reforçadores. Além disso, a cliente foi submetida a perguntas que a levassem à observação e a relatos de eventos reforçadores. O resultado observado na última sessão foi um aumento significativo na emissão de relatos verbais reforçadores, quando comparado com as sessões anteriores, e uma diminuição na frequência de relatos queixosos em relação à linha de base. A cliente R de 54 anos apresentava relatos queixosos sobre sua família. Tais relatos eram reforçados pelos colegas de trabalho que davam presentes e atenção quando ela relatava suas dificuldades e brigas com a família. A intervenção adotada nesse caso foi o reforçamento do comportamento queixoso por meio das falas da terapeuta. O objetivo desse questionamento era conduzir a cliente a perceber a ineficácia de seu comportamento queixoso para a mudança de sua condição (i.e., questionamento reflexivo). O resultado observado foi o aumento na emissão de comportamentos queixosos nas sessões seguintes; por outro lado, a cliente acabou emitindo as respostas de autoconhecimento planejadas.

A análise dos dados obtidos demonstrou que a cliente M apresentou uma diminuição na frequência dos comportamentos verbais queixosos e um aumento dos relatos de eventos reforçadores. A cliente R, por sua vez, apresentou um aumento na frequência dos comportamentos verbais queixosos e uma diminuição na frequência dos relatos de eventos reforçadores. Para Oliveira (2009), os dados obtidos apontam para o fato de que as duas emitiram relatos queixosos mais facilmente diante do reforço de suas queixas em comparação com a ausência do reforço. O procedimento de escuta diferencial teve efeito na diminuição da

frequência dos comportamentos verbais queixosos da cliente M, enquanto o reforço dado aos comportamentos queixosos da cliente R levou a um aumento na frequência dos comportamentos em questão. Os resultados da pesquisa evidenciaram uma redução na frequência dos relatos queixosos da cliente exposta ao reforço diferencial e o aumento da frequência de relatos verbais queixosos da cliente que não passou pelo procedimento. Os dados obtidos na pesquisa de Oliveira (2009) demonstram que a frequência do comportamento verbal queixoso pode vir a ser controlada pelo procedimento de escuta diferencial. O estudo de Oliveira (2009) traz para o contexto clínico a discussão a respeito da modelagem do comportamento verbal, sendo relevante para este trabalho por analisar os efeitos do reforço diferencial e do questionamento reflexivo na frequência do comportamento verbal queixoso de clientes em terapia.

Considerações Finais

Conforme visto ao longo do trabalho, o comportamento verbal pode se apresentar na forma de relatos repetitivos que são emitidos diante de determinados reforçadores. Os relatos repetitivos são considerados comportamento-alvo quando a análise funcional revela que, embora o comportamento produza reforçadores em curto prazo, produz a perda dos mesmos em longo prazo. A baixa variabilidade das respostas verbais pode produzir conseqüências aversivas, uma vez que, após uma exposição prolongada a relatos repetitivos, os ouvintes tendem a diminuir ou extinguir a emissão dos reforçadores que antes mantinham o comportamento, trazendo sofrimento a esses indivíduos que não têm repertório comportamental variado e que, muitas vezes, não são capazes de estabelecer uma relação entre a alta freqüência de seus relatos e o fato de que, após algum tempo, pessoas próximas tendem a se afastar.

O estudo desses relatos repetitivos é relevante para a Psicologia por se tratar de um comportamento comum em clientes que buscam terapia. É importante destacar que a intervenção terapêutica nesses casos não deve se limitar à redução da freqüência de tais relatos, devendo também levar a um processo de autoconhecimento que permita ao cliente ampliar seu repertório comportamental, adquirindo novos comportamentos que são desejáveis para lidar de forma mais bem sucedida com o ambiente. Neste trabalho, procurou-se discutir o papel do terapeuta na intervenção clínica dos clientes com relatos repetitivos. Os estudos demonstrados sugerem que procedimentos de reforço diferencial e questionamento reflexivo são úteis para a diminuição da freqüência dos relatos repetitivos, o aumento da freqüência de outros tipos de relatos (variabilidade comportamental) e o desenvolvimento de autoconhecimento. Os resultados obtidos nos estudos sobre modelagem do comportamento verbal mostram os efeitos do reforço diferencial sobre a freqüência de determinados relatos

verbais (Britto e cols. 2006; Goldiamond, 1966/1972; Oliveira, 2009; Salzinger e cols. 1996/1972). Por esse motivo, esse procedimento demonstra-se útil para uma intervenção que possibilite ao cliente diminuir a frequência dos relatos repetitivos.

É importante destacar que nem sempre os relatos repetitivos comportam temas aversivos. Por esse motivo, o foco da intervenção não é tratar tais comportamentos apenas como comportamentos clínicos cuja frequência deve ser reduzida. Para a obtenção de melhores resultados, o cliente deve ser capaz de compreender a função do comportamento e quais são as contingências envolvidas. Esse autoconhecimento pode ser trabalhado por meio de diálogos reflexivos que levem o cliente a realizar sua própria análise funcional. Os procedimentos de intervenção apresentados neste trabalho demonstram como as habilidades do terapeuta de observação dos comportamentos-alvo e de elaboração de questões reflexivas são relevantes para a intervenção clínica. Como visto ao longo do trabalho, tais procedimentos tornam-se mais eficazes quando não há emissão de regras por parte do terapeuta. De acordo com Skinner (1989/1991), os terapeutas emitem regras ao descreverem as contingências ou darem conselhos. Para o autor, o ideal seria que o terapeuta organizasse novas contingências de reforçamento, ou seja, que o processo terapêutico tivesse como foco as contingências que mantêm o comportamento. De acordo com Medeiros (2010) a emissão de regras pode ter como efeito o aumento da resistência ao processo terapêutico, além da possibilidade de comprometimento do vínculo. Essas considerações são importantes para a discussão a respeito da intervenção clínica dos casos de relatos repetitivos. Para esses clientes, a descrição das contingências por parte dos terapeutas pode ser aversiva, levando o cliente a reagir de forma indesejada à terapia, esquivando-se de perguntas ou emitindo fatos distorcidos.

Este estudo teve como objetivo discutir de forma ampla comportamentos verbais comuns no cotidiano. O foco desta discussão não está no comportamento em si, mas em sua dinâmica. Várias outras formas de relatos repetitivos poderiam ser discutidas, porém o que

deve ser considerado é que esses comportamentos podem indicar algo mais do que simplesmente o conteúdo dos relatos.

Devido à relevância deste tema para a Psicologia Clínica, torna-se evidente a necessidade de realização de mais estudos a respeito dos relatos repetitivos e do papel do reforço diferencial e do questionamento reflexivo no *setting* terapêutico.

Referências Bibliográficas

- Baum, W. M. (1994/1999). *Compreender o behaviorismo: Ciência, comportamento e cultura*. (M. T. Silva, M. A. Matos & G. Y. Tomanari, trads.). Porto Alegre: Artmed.
- Britto, I. A. G. S., Rodrigues, M. C. A., Santos, D. C. & Ribeiro, M. A. (2006). Reforçamento diferencial de comportamentos verbais alternativos de um esquizofrênico. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, VIII, 73-84.
- Catania, A. C. (1998/1999). *Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição*. (A. Schmidt, D. das G. de Souza, F. C. Capovilla, J. C. C. de Rose, M. de J. D. dos Reis, A. A. da Costa, L. M. de C. M. Machado & A. Gadotti, trads.). Porto Alegre: Artmed.
- Castanheira, S. S. (2006). Queixas... e queixas! Como focalizá-las na Terapia Comportamental. Em H. J. Guilhardi & N. C. de Aguirre (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição. Expondo a variabilidade* (pp. 417-430). Santo André: ESETec.
- Dattilio, E. M. & Freeman, A. (2004). *Estratégias Cognitivo-Comportamentais de intervenção em situações de crise*. Porto Alegre: Artmed.
- Delitti, M. (1997). Análise funcional: o comportamento do cliente como foco da análise funcional. Em M. Delitti (Org.), *Sobre comportamento e cognição. A prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo-comportamental* (pp. 35-42). São Paulo: ARBytes.
- Fester, C. B., Culbertson, S. & Boren, M. C. P. (1968/1982). *Princípios do Comportamento*. São Paulo: Hucitec.
- Guilhardi, H. J. (2004). *Terapias por contingências de reforçamento*. Disponível em: http://www.terapiaporcontingencias.com.br/tx_helio.php Acesso em: 18 jun. 2010.

- Goldiamond, I. (1966/1972). Gagueira e Fluência Como Classes de Resposta Operante Manipuláveis. Em L. Krasner & L. Ullmann (Orgs.), *Pesquisa sobre Modificação do Comportamento* (pp. 135-198). São Paulo: Herder – Editora da Universidade de São Paulo.
- Kohlenberg, R. J. & Tsai, M. (1991/2001). *Psicoterapia Analítica Funcional: Criando relações terapêuticas intensas e curativas* (F. Conte, M. Delitti, M. Z. da S. Brandão, P. R. Derdyk, R. R. Kerbauy, R. C. Wielenska, R. A. Banaco & R. Starling, trads.). Santo André: ESETec.
- Landim, T. F. A. P. (2008). *Estudar para Concurso Público como Comportamento de Escolha*. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia, Centro Universitário de Brasília, CEUB.
- Medeiros, C. A. (2002). Comportamento verbal na terapia analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva, IV*, 105-118.
- Medeiros, C. A. (2010). Comportamento governado por regras na clínica comportamental: algumas considerações. Em A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Análise comportamental clínica: Aspectos teóricos e estudos de caso* (pp. 95-111.) Porto Alegre: Artmed.
- Meyer, S. B. (1997). O conceito de análise funcional. Em M. Delitti (Org.), *Sobre comportamento e cognição. A prática da análise do comportamento e da terapia cognitivo- comportamental* (pp. 29-33). São Paulo: ARBytes.
- Miyazaki, M. C. O. S. (2004). Diálogo Socrático. Em C. N. Abreu & H. J. Guilhardi (Orgs.), *Terapia Comportamental e Cognitivo-Comportamental – Práticas Clínicas* (pp. 311-319). São Paulo: Roca Ltda.
- Millenson, J. R. (1967/1975). *Princípios de análise do comportamento* (A. A. Souza & D. Rezende, trads.). Brasília: Coordenada.

- Moreira, M. B. & Medeiros, C. A. (2007). *Princípios básicos da análise do comportamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Oliveira, C. G. A. J. (2009). *O Efeito da Escuta Diferencial Sobre a Frequência do Comportamento Verbal Queixoso*. Monografia de Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia, Centro Universitário de Brasília, CEUB.
- Salzinger, K., Feldman, R. S., Cowan, J. E. & Salzinger, S. (1966/1972). Condicionamento Operante de Comportamento Verbal em Dois Meninos com Deficiência de Idade. Em L. Krasner & L. Ullmann (Orgs.), *Pesquisa sobre Modificação do Comportamento* (pp. 105-134). São Paulo: Herder – Editora da Universidade de São Paulo.
- Skinner, B. F. (1953/1994). *Ciência e comportamento humano* (J. C. Todorov & R. Azzi, trads.). São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B. F. (1957/1978). *O comportamento verbal* (M. da P. Villalobos, trad.). São Paulo: Cultrix.
- Skinner, B. F. (1989/1991). *Questões recentes na análise comportamental* (A. L. Neri, trad.). Campinas: Papirus.
- Skinner, B. F. (1974/2006). *Sobre o behaviorismo*. (M. P. Villalobos, trad.). São Paulo: Cultrix.
- Souza, A. P. S. (2009). *Regras Versus Auto-Regras: Que Tipos de Regras São Mais Facilmente Seguidos na Clínica?* Monografia de Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia, Centro Universitário de Brasília, CEUB.
- Vandenberghe, L. (2005). Abordagens Comportamentais para a Dor Crônica. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18, 47-54. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722005000100007&lng=en. Acesso em 23 jun. 2010.